

**APRENDENDO A FALAR COM MARIE –
O USO DE OBJETOS COMO INTÉRPRETES
NA RELAÇÃO COM UMA CRIANÇA AUTISTA**

*Ivone C. Dias Gomes**

*Confesso que o admirava. Sim, admirava-o por não desanimar. E por nunca ter sido tentado a romper aquele implacável silêncio com uma palavra mais violenta... Pelo contrário, quando por vezes deixava que esse silêncio invadisse a sala e a saturasse até no mais escuro dos seus ângulos, como um gás pesado, irrespirável, de nós, os três, parecia ser ele o que mais se sentia à vontade.
O silêncio e o mar, Vercors*

Meu objetivo com este trabalho é compartilhar, com os colegas fonoaudiólogos que atendem pacientes autistas, questões e hipóteses de trabalho que emergiram da experiência de atendimento de uma menina autista que chamarei de Marie. Atendo-a desde março de 1996, quando ela estava com quatro anos de idade. Pretendo destacar, particularmente, os momentos do processo terapêutico

* Fonoaudióloga, psicanalista e professora da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP.

nos quais, inequivocamente, Marie e eu de alguma forma conseguimos um contato.

Antes de mais nada, é preciso que eu declare, aqui, que quando comecei a atender Marie, embora já estivesse atuando como fonoaudióloga clínica há bons 22 anos, não havia atendido uma criança autista, nem mesmo uma criança psicótica. Mas, mesmo nestas condições, uma série de razões me levaram a tomá-la como minha paciente.

Não sei se alguém no meu lugar teria um “saber o que fazer” com Marie, que a mim era invisível, pois o trabalho com crianças psicóticas e autistas coloca o terapeuta sempre diante do inesperado, do incompreensível, do incontrolável. A experiência inicial com Marie foi para mim bastante desorganizadora e, portanto, desorganizada. Mas, de qualquer forma, meu não saber permitiu-me deixar aberto meu espaço mental para experimentar a angústia de não ter existência para Marie, tolerando, ao adquirir alguma existência, ser para ela não mais do que uma das coisas que podiam interessá-la na sala de terapia. Tive também que aprender a me relacionar com ela buscando todas as pistas que me dava, tentando encontrar uma forma de manter algum contato, mesmo sabendo que era com uma terapeuta “coisa/sensação” que ela estava se ligando. De qualquer forma, a partir da nossa sexta sessão, quando chegava adiantada, Marie berrava (gritar é menos que berrar, não é?) como se a estivessem matando, porque tinha que esperar seu horário. Ficou impossível permitir que ela me aguardasse na sala de espera, tendo que passar a me esperar no carro. Bom e barulhento sinal.

Atualmente, nosso relacionamento é bem mais fácil, mas, mesmo assim, longe estamos de um contato constante e parecido com o que temos entre nós, não autistas, entretanto, aprendi a me fartar com as pequenas e esporádicas migalhas de contato que Marie me oferece, e penso que geralmente é assim, quando se trabalha em situações terapêuticas de baixa potência.

Passada a turbulência dos primeiros momentos, pude retomar a racionalidade necessária para assumir o caso com mais profissionalismo. Tive momentos muito belos com a psicoterapeuta de Marie, procurei dialogar com colegas fonoaudiólogos e encaminhei-a para um médico foniatra, que contribuiu com a clínica do caso dela e ajudou-me a compreender alguns aspectos do trabalho com o autismo. Além disso, dado que estava fazendo formação em Psicanálise, tive

a oportunidade de discutir este caso com colegas e professores e de realizar estudos teóricos muito elucidativos. Conto todos estes detalhes porque acredito que é muito importante termos boas companhias – colegas, supervisores, teorias – quando estamos atendendo casos tão difíceis. Mas gostaria de acrescentar que, com Marie, o conhecimento muito me serve para tentar criar uma representação da sua mente, mas não me oferece, nem de longe, respostas para os desafios das sessões terapêuticas. Ali, o que conta sou eu, minha afetividade e meus *insights*, pois Marie é um enigma e é rigorosa na aceitação daquilo que a interessa. Não há meios termos.

Os caminhos “de/para” Marie

Em março de 1995, recebi a jovem senhora T. para uma consulta sobre sua filha do meio, D., que estava com 4 anos de idade. A mãe apresentou-me, como queixa, uma fala ininteligível e uma gagueira moderada. Num determinado momento da entrevista “avisou-me” que, quando eu terminasse o atendimento de D., ela me traria Marie, com 3 anos de idade, que até agora não falava, e ela desejava que eu a ensinasse a falar. Achei estranho e perguntei se era modo de falar ou se Marie não falava mesmo. T. esclareceu-me que “ela não falava mesmo nada pois tinha um bloqueio emocional, mas estava em ludoterapia desde os 2 anos”. Cheia de interrogações, deixei Marie para o futuro, pois naquele momento meu problema era D.

Nessa primeira entrevista, o que mais me chamava a atenção era a dissociação que T. demonstrava em seu comportamento. Seu discurso verbal era afetivo, mas sua expressão era formal, um tanto mecânica, artificial. Tudo isso associado a uma certa infantilidade. Difícil defini-la. Ao final, devo dizer que, apesar de conseguir um contato fácil e até simpático, saí com uma sensação de estar diante de uma pessoa estranha. Na época pensei que poderia atribuir este modo de ser especial ao fator cultural, pois ela e seu marido eram filhos de europeus. Afinal, os europeus não são tão efusivos quanto os brasileiros. Penso que, na época, com esta tentativa insípida de racionalizar um distanciamento que me inquietava, confundi espontaneidade com efusividade e sosseguei-me com um preconceito.

Já neste momento percebi que a história de D. e a de Marie, mais do que entrelaçadas, estavam amalgamadas. Pouco antes da gravidez de Marie, a família havia se mudado para os Estados Unidos, para uma estadia de 2 anos. D. estava então com 8 meses. Logo T. descobriu que estava grávida, uma gravidez inconveniente para aquele momento em que ela estava com uma criança de pouco mais de 2 anos e outra de 8 meses, num país estranho, sem família e sem amigos. Infelizmente, para piorar a situação, T. tinha um problema no colo do útero que complicava suas gravidezes e demandava uma intervenção cirúrgica para que ela não abortasse, solução esta que foi prescrita por seu médico brasileiro já na gravidez de D. Ocorreu que os médicos americanos se negaram a fazer a cirurgia e recomendaram repouso absoluto durante toda a gravidez. Com isto, T. ficava impedida de cuidar de D. e a solução que encontraram foi mandá-la com a avó materna para o país da Europa onde ela morava. T. conta que passou toda a gravidez de Marie chorando de saudades de D., seu lindo bebê. Comentei o quanto esta separação teria sido dolorosa também para D., mas T. de pronto negou, dizendo que D. gostava muito da avó e da tia que cuidaram dela. Afinal, quando Marie estava com 4 meses, D., com 2 anos, voltou para casa. Quando D. voltou para casa, T. se entrega para esta filha, criando uma situação especial para ela: durante aproximadamente um ano, falava com ela, e só com ela, na língua de seus pais, ou seja, na língua da avó materna de D.

Qualquer fonoaudiólogo sabe quão graves podem ser as seqüelas da separação de um bebê de 8 meses de sua mãe. No entanto, T. nunca referiu que tivesse abandonado D. e sim Marie, depois do retorno de D. Por outro lado, assume uma atitude prática quando fala de seus débitos com Marie e a necessidade de prestar-lhe socorro, mas chora quando fala do quanto sente que faltou e ainda falta (por ter que cuidar de Marie, que exige atenção o tempo todo) a D. e à filha mais velha.

Durante o atendimento de D., vi Marie apenas uma vez, no colo de seu motorista. A cena ficou gravada em minha memória, tal o impacto que me causou. Não sei que fantasias tinha a respeito de Marie “que não falava porque tinha um bloqueio”, só sei que levei um grande susto. Eu vinha vindo do quintal para a sala de espera e, lá do fundo, vi uma linda menina estirada no colo do motorista, dando uns gritos e produzindo estranhos sons. Ao me aproximar, vi o olhar trans-

vasante das crianças autistas. O susto não foi tanto pelo contato com uma criança autista, visto que já conhecera várias. Mas instantaneamente me dei conta da negação de T. e pude avaliar a intensidade de sua dor.

Continuei atendendo D., aprofundando meu contato com T. e conheci F., pai das crianças. Conforme íamos aumentando nossa intimidade, era solicitada a ajudá-los a resolver uma série de pequenos problemas do seu cotidiano, coisa a que não me negava, pois percebia neles uma desproteção e uma certa falta de recursos para resolvê-los. Neste período, várias vezes T. me dizia que só pessoas especiais poderiam atender Marie e que ela tinha me escolhido. Seria uma manobra de sedução? O que é que eu tinha de especial?

Ia aos poucos sendo impregnada de Marie, até a época em que seu atendimento começou de fato. Tivemos então uma entrevista para colher outros dados sobre sua história, a história de um bebê quieto, tranqüilo, de uma pequena criança cujo estranho comportamento só foi notado quando ela estava quase com 2 anos. Pensavam que ela era surda, mas T. logo percebeu que ela ouvia muito bem, vindo prontamente para a televisão quando ouvia determinadas propagandas, mesmo o volume estando baixo.

Quando voltaram para o Brasil, Marie estava com dois anos e meio. Sua mãe a levou a um neurologista que diagnosticou o autismo e indicou psicoterapia. T. ficou indignada com o médico, pois a idéia de que sua filha fosse autista era (e ainda é) inconcebível. Para que se tenha uma idéia, ainda neste ano de 98, e Marie estava já com 6 anos, soube pela fonoaudióloga de uma escola especial para crianças psicóticas, que T., na entrevista, reafirmou que o problema de Marie era a linguagem que ela não adquiria por causa de um bloqueio emocional. Entendo este comportamento negador de T. de duas maneiras: primeiro, como a forma que encontrou de não sucumbir ante a imensa culpa que sente por ter abandonado Marie e, segundo, como a expressão de uma percepção pessoal de que ela não consegue se ligar nesta filha para ajudá-la a sair do autismo. Para ela é inaceitável que sua filha tenha uma doença tão grave e irreversível, acreditando ela que seja uma seqüela do seu próprio abandono. No entanto, T. um dia me disse: "Eu sei que fui eu que causei isto na minha filha, fui ingênua e burra. Poderia ter tomado tantas outras providências... (referindo-se ao período da gravidez de Marie). Mas não tomei. Agora tudo que eu posso fazer é fazer

tudo para ajudá-la”. Cabe esclarecer que “tudo” de T. implica criar uma rede de “mães substitutas”, elegendo profissionais que têm características em comum: todos são muito afetivos e investidos de uma grande vontade de ajudar Marie, mas, acima de tudo, dispostos a aceitar o pacto de negação. É proibido falar em autismo, em doença mental, em psicose, em gravidade, em maus prognósticos. Todos devemos dizer que “Marie tem um bloqueio emocional grave”. “Tudo” não inclui ter verdadeiros sentimentos amorosos para com esta criança que veio para separá-la de D. para sempre. Numa das sessões de D., ela estava brincando de mamãe-filhinha. Pegou seu nenê no colo, embalou-o e de repente ficou um tanto triste. Perguntei-lhe por que estava triste e ela me respondeu: “Se a Marie fosse minha filha, eu não ia gritar tanto com ela como minha mãe grita. Minha mãe parece que não sabe que a Marie faz as coisas erradas porque ela não entende. Ela é como um nenê. Eu fico com pena da Marie”. E da mesma forma que T. verbaliza seus fortes sentimentos de culpa, ela também verbaliza sua ilusão: um dia Marie vai ficar normal, vai vencer o bloqueio emocional e vai falar como todas as crianças.

Os dados mais importantes que coletei sobre os dois primeiros anos de Marie foram obtidos a partir de oito horas de vídeo-teipe sobre a vida da família nos Estados Unidos, filmadas pelo pai de Marie. Que história seria esta, que teve que ser registrada e relatada através de uma máquina? O que havia nestes filmes que não podia ser dito? Que criança era esta cuja história não estava representada na mente de seus pais? Neste jogo de esconde/revela, senti-me um pouco como um *voyeur*, trazendo em mim uma desconfortável sensação de ter me tornado parte desta trama, na qual eu muito poderia compreender, mas pouco poderia falar. Fui colocada no lugar de Marie: presente, assistindo da periferia a vida de sua família da qual ela fora excluída.

Em primeiro lugar, devo dizer que Marie era um dos bebês mais lindos que eu já tinha visto. Ficava a maior parte do tempo no bebê-conforto ou no carrinho, enquanto seus pais divertiam suas irmãs. Estranhamente, eles não a incluíam nestas situações, e ela, por sua vez, parecia contentar-se em olhar. Não reivindicava seu lugar. Quando ela começou a se locomover engatinhando, ouvi-se seu pai dizendo em algumas ocasiões: “O que vem vindo aí? Quem vem vindo aí? Olha quem está vindo” e, misteriosamente, não dizia que era a Marie.

Um episódio que me chamou a atenção ocorreu quando ela estava com 10 meses. Foi levada para a classe de pré-escola de sua irmã mais velha, no dia de Halloween. Todos estavam com fantasias e máscaras típicas, as crianças gritavam, riam e cantavam. No canto da sala, afastada do grupo, Marie no seu carrinho, quieta, alheia a tudo. Comportamento completamente atípico para um bebê de 10 meses. Seu primeiro sorriso nos vídeos apareceu aos 2 anos. T. não se lembrava se antes ela sorria.

Dormia no chão da cozinha, no chão de qualquer chão. Não aparece chorando nem protestando. Quando pôde se locomover, entretinha-se sozinha manipulando objetos e brinquedos. Não brincava com as irmãs. Aquele lindo bebê não estava por aqui. Quando terminei de assistir aos vídeos, fiquei muito deprimida e neste dia, ao dormir, tive um pesadelo. Vi um bebê num bebê-conforto no fundo de uma piscina. Na borda, uma mulher tomava banho de sol, placidamente. Afobada, mergulhei para salvar o bebê. Tirei da água uma menina morta com cara de ET. Coloquei-a ao lado da mulher e disse-lhe consternada: “Ela morreu”. A mulher me respondeu com naturalidade: “Ah! você a encontrou? Essa aí sou eu!”. Sonhei por ela, por sua mãe e por mim. Lembrei-me de uma passagem em que D. me dissera: “A Marie veio de Júpiter”. Ela também achava que a Marie era um ET.

Afinal, chegou o grande dia. Ela entra na minha sala com seu olhar vazado, olhos de um azul reluzente, imune a qualquer tentativa de contato, ignorando-me como se eu fosse apenas uma das paredes da sala. Linda e estranha. Andava de um lado para outro como que procurando alguma coisa. Eu a seguia e tentava em vão chamar sua atenção com brinquedos. Até que encontrou um potinho cheio de contas que sobraram do jogo *War*. Sacudiu-o violentamente, voaram contas para todos os lados e me preocupei: “Ela vai comê-las todas!”. Engatinhando pelo chão, sentindo-me ridícula, ia catando todas as continhas rapidamente, enquanto Marie disputava algumas comigo. Não opunha muita resistência, muito menos tentava colocá-las na boca. Queria apenas juntar algumas na mão e “polvilhá-las” no chão. Este foi o ato inaugural.

Oferecia-lhe brinquedos, e ela os jogava no chão, não se interessava por nenhum deles, muito menos por mim. Durante todo o tempo, apresentava uma inexpressividade total. Eu já não sabia mais o que fazer quando, de repente, meus

véus de filó coloridos, que ficam num cesto, atraíram meu olhar. Tive então a idéia de jogá-los sobre ela: “Um dois e jáaaa!”. Olha-me então pela primeira vez, sorri e repete como me dando um sinal de que queria que eu lhe jogasse os véus de novo: “U, dois e sá!”. Uma articulação um pouco imprecisa mas perfeitamente inteligível. Então ela fala! Ou pelo menos, pode falar! Assim, passamos o resto do tempo neste jogo dos véus e nenhuma mudança que eu quisesse fazer conseguia o efeito de um contato. Meus véus foram meus primeiros *objetos intérpretes*. Brincamos de escondê-la e encontrá-la, cobrindo-a com uma diáfana nuvem colorida.

Foi assim que comecei a aprender a “falar” com Marie, desobrigando-me desde então da missão que sua mãe me havia incumbido: ensiná-la a falar. Aos poucos fui descobrindo que utilizando alguns objetos como intermediários, eu não só conseguia contato, como, por vezes, conseguia me fazer entender. Isto ficará mais claro durante a exposição deste trabalho.

Na terceira sessão, pedi a T. que entrasse junto para observar a relação dela com a filha. Marie era bastante diferente com a mãe. Olhava para ela, sorria, mas o contato entre elas era isento de espontaneidade. No princípio, achei que era pelo artificialismo dos contatos clínicos, mas aos poucos, em várias outras ocasiões, fui constatando que T. capta a atenção de Marie utilizando um comportamento teatral, cantando músicas e fazendo gestos, recitando poesias ou histórias ritmadas. Se ela fala algo de forma “normal”, Marie ignora. Nesta mesma ocasião disse a T.: “Ela me olha como se eu fosse um vidrinho!”, e T. me responde que até os dois anos e meio, ela também a olhava como se ela fosse um “vidrinho”. Ou seja, até então, T. não conseguia fazer nenhum contato com Marie.

À medida que vou apresentando este caso, imagino que já foi se revelando o fenômeno que me mobilizava desde antes de conhecê-la. Em meu imaginário, Marie já era estranha e enigmática, eu já imaginava como seria difícil o relacionamento com ela. Quando a conheci, ficava muito mais preocupada com nosso relacionamento do que com qualquer aspecto ligado ao trabalho fonoaudiológico. Na verdade, uma das mais fortes sensações que eu tinha diante de Marie era a perda da minha identidade pessoal e profissional. “Vidrinho”... eu me sentia um “vidrinho” através do qual ela olhava.

Partilho com vários colegas fonoaudiólogos da convicção de que, no processo terapêutico fonoaudiológico, ocorre o fenômeno da transferência e da contratransferência¹. Não é minha intenção discutir esta afirmação enquanto tal, mas tomando-a como fato, pretendo abordar a evolução do meu contato com Marie. Hoje tenho a firme convicção de que a capacidade do terapeuta de aproveitar as brechas nas grossas paredes que a criança autista constrói para se isolar é o elemento indispensável para conseguir fazer um contato que permita à criança fazer algum investimento objetal verdadeiramente humano. E estas brechas só podem ser percebidas na relação transferencial. Todo meu esforço está em conseguir me significar humana para ela, o que entendo como condição *sine qua non* para a aquisição da linguagem.

Tomando então como ponto de partida uma compreensão teórica sobre o autismo, penso poder explicitar, com exemplos clínicos, a primeira fase do meu relacionamento com Marie, no qual, eu acredito, havia uma relação transferencial de tipo fusional. Gostaria de esclarecer que não pretendo apresentar aqui uma discussão teórica aprofundada a respeito do autismo como categoria psicopatológica. Tampouco utilizarei a teoria como ponto de partida para construir novas hipóteses. Como já aludi anteriormente, a teoria foi, para mim, uma boa companheira, aliada nos momentos de insegurança e confusão. Quando encontrava nos livros e nos artigos, alguns dos quais citados neste trabalho, estudos que revelavam semelhanças entre a minha experiência emocional com Marie e a dos seus autores, assim como encontrava teorias sobre a constituição e o modo de funcio-

1. Laplanche e Pontalis (1986) definem a transferência como “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida por eles e, eminentemente na relação analítica”. A palavra eminentemente não está aqui por acaso, pois adiante os autores referem que Freud nunca deixou de enfatizar que reconhecia noutras situações a ação da transferência e ele cita a relação médico-paciente, professor-aluno, padre-penitente, etc. Quanto à contratransferência, definem-na como o “conjunto de reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e mais particularmente à transferência deste”. A transferência e a contratransferência formam aquilo a que os psicanalistas chamam de processo transferencial ou relação transferencial ou simplesmente transferência. Outro aspecto importante a colocar, é que os autores referem que há modalidades de transferência. Vários autores, alguns deles citados neste trabalho, reconheceram as modalidades que podem se estabelecer no processo transferencial dos casos de autismo.

namento da mente da criança autista, sentia-me mais segura e com mais liberdade criativa. Descobri que estava reagindo contratransferencialmente, a partir da minha própria subjetividade e da disponibilidade em estar permeável à angústia da inexistência, determinada, nesta situação, pela condição autística da paciente. Neste sentido, os autores eram “meus companheiros”, sabiam o que se passava e podiam me ajudar a compreender e aceitar. Com isso, creio que pude inventar um modo de me contatar com ela, utilizando os chamados “objetos intérpretes”, cuja apresentação é minha meta principal. Feitas estas ressalvas, sinto-me à vontade para iniciar minha revisão teórica, da forma interesseira e oportunista como foi elaborada.

Começo com Tustin (1984), que descreve o autismo como um

estado de sensação dominada e centrada no corpo, que constitui a essência do self. É o estado em que a auto-sensualidade mantém movimento sendo a atenção focalizada quase que exclusivamente em ritmos e sensações corporais. Objetos no mundo exterior ... são experimentados como partes do corpo ou muito assemelhados a ele. Pessoas e coisas exteriores raramente são usadas ou vistas como possuidoras de existência separada. São experimentadas como uma extensão das atividades corporais e em termos de experiência sensual delas, particularmente as experiências sensuais de toque. Em resumo, o autismo é o estado em que a experiência não é diferenciada ou objetivada em qualquer extensão apreciável.

Este estado seria encontrado normalmente nos recém-nascidos, despreparados para terem uma existência física e psíquica separadas da mãe e foi denominado de “autismo primário normal” (Anthony, 1958, in Tustin, 1984). Sua função é proteger o bebê de uma experiência intolerável nesta época, qual seja, a experiência do “não eu”. Neste período, a mãe real não se diferencia da ilusão que o bebê tem da mãe.

A efetividade deste mecanismo protetor depende do encontro do recém-nascido com uma mãe disponível para adaptar-se às suas necessidades. Winnicott (1994) referiu-se a este estado da mãe como “preocupação materna primária” e descreve um tipo de “comunicação silenciosa”, uma “mutualidade” entre o bebê e sua mãe. Se a maternagem for suficientemente boa, as experiências traumáticas advindas do meio externo, exteriores ao aparelho psíquico do bebê, ocorram estas dentro ou fora de seu corpo, não ultrapassarão os limites suportáveis para ele.

Este conceito na obra de Winnicott é muito valorizado e vale a pena explorá-lo um pouco mais, principalmente porque, analisando o que vivi nos primeiros meses de trabalho com Marie, vejo que em muitos aspectos desenvolvi um estado semelhante ao que vivi nos primeiros meses de maternagem de minha filha.

Gradualmente, durante a gravidez e especialmente no seu final, a mãe vai desenvolvendo uma condição psicológica em que sua sensibilidade é aumentada, e continua por algumas semanas depois do nascimento da criança e não é facilmente recordada, uma vez tendo a mãe se recuperado dela. A este estado Winnicott (1993) denominou “devoção” ou “mãe devotada comum”. Pela preocupação materna primária, a mãe cria um *setting* no qual a constituição do bebê pode se mostrar, suas tendências de desenvolvimento podem começar a se revelar e o bebê pode experimentar um movimento espontâneo e dominar as sensações apropriadas a esta fase inicial da vida.

Para este autor, as primeiras necessidades do bebê são primordialmente de ordem biológica e ele acredita que o mais importante a ser garantido é uma certa permanência, uma baixa estimulação de qualquer espécie. Em suas palavras:

Quando a mãe fornece uma adaptação suficientemente boa à necessidade de continuidade da linha de vida do bebê, ele é pouco perturbado por reações de invasão. A mãe entra num processo de identificação inconsciente com o bebê e suas necessidades, inicialmente corporais e posteriormente com as necessidades do ego que começa a se diferenciar.

O fracasso materno produz fases de reação à invasão e estas reações interrompem o “continuar a ser” do bebê. Um reagir excessivo produz não um estado de frustração, mas sim a sensação de uma ameaça de aniquilação. As repetidas experiências de ameaças de aniquilamento que, por serem prontamente atendidas, não resultam em aniquilação, e das quais o bebê rapidamente se recupera, vão desenvolvendo no ego uma capacidade de suportar as frustrações, sem que estas sejam acompanhadas de vivências catastróficas (Winnicott, 1993).

A hipótese relativamente comum entre os autores estudados, que enfatizam a etiologia psicogênica do autismo, é a de que houve uma ruptura neste vínculo simbiótico, vivida pelo bebê como uma situação traumática.

Winnicott (1994) define um trauma como

aquilo contra o qual o indivíduo não possui defesa organizada, de maneira que um estado de confusão sobrevém, seguido talvez por uma reorganização de defesas, defesas de um tipo mais primitivo do que as que eram suficientemente boas antes da ocorrência do trauma.

Tustin (1984) delinea hipótese semelhante, afirmando que a criança psicótica “encontrou um ‘não eu’ de uma maneira que ela experimentou como traumática, porque não havia desenvolvido a necessária integração neuromental para lidar com a tensão”. A autora enfatiza a necessidade de que se considere a ação de outros fatores na produção de um autismo, pois a falência dos cuidados maternos nem sempre está presente em todos os casos, embora em muitos deles o período neonatal tenha sido perturbado por situações adversas que afastaram a mãe da criança.

Reportando-me ao meu estudo de caso, durante o período de gravidez de Marie, T. estava ligada ao seu outro bebê, D., do qual havia se separado, e no período pós-natal Marie teve que dividir esta mamãe já tão pouco predisposta a ela, com sua irmã mais velha, muito enciumada e agressiva com o bebê. Para agravar a situação, aos 4 meses, D. volta da Europa, T. recebe D. e abandona Marie... “culpa imensa que carregarei por toda minha vida”, nas palavras dela mesma. Além de admitido por T., esse abandono, fruto de um prévio desinvestimento amoroso, foi o que mais me sensibilizou quando o constatei nos vídeos. Em uma de nossas sessões do mês de novembro de 96, Marie consegue reproduzir a cena de sua exclusão do núcleo familiar. Interessou-se por uns bonequinhos de família, arrumou-os em pé e em círculo sobre a mesa e foi se afastando vagarosamente, com o olhar fixo nos bonequinhos, até encontrar a parede da sala, onde permaneceu algum tempo olhando a cena que montou. Imediatamente associei esta cena com suas permanências no bebê-conforto e no carrinho, sempre na periferia dos acontecimentos domésticos. Verbalizei isso, e ela ficou me olhando por um tempo e depois foi para a água, o que, como veremos adiante, tinha a função de propiciar-lhe um profundo recolhimento.

É possível pensar que este outro momento de desinvestimento amoroso materno tenha sido experimentado como uma intensa frustração, mesmo porque,

até D. voltar, aparecem cenas de T. segurando Marie no colo, brincando com ela e protegendo-a da agressividade de sua irmã mais velha. Entendo que, para Marie, houve uma perda. Talvez não a perda de uma mãe simbioticamente ligada ao seu bebê, tal como ocorreria normalmente nos primeiros meses de vida, pois, com vimos, já havia um desinvestimento de T. em relação a Marie desde a gravidez. No meu entender, a intensidade traumática seria muito maior se assim não fosse. Explicando-me melhor: se a ligação materno-filial tivesse sido, desde a gravidez, aquela que ocorre em situação normal, a perda para Marie teria sido muito mais significativa e, portanto, muito mais traumática. Sustento esta idéia com a falta de reações de “protesto” por parte de Marie, quando do retorno de D. para casa. Não adoeceu, não se tornou chorona, não perdeu o sono nem o apetite. Para sobreviver à força deste estado de esvaziamento, Marie se fecha em sua concha, desenvolvendo defesas autísticas. Será por isto que Marie gosta tanto de ver a pia se esvaziando de água?

Cabe dizer que Marie reagia de maneira catastrófica ao que julgaríamos como pequenas frustrações. Por exemplo, um dia estávamos fazendo bolinhas de sabão e o aro de soprar caiu da varanda para o jardim. Marie berrava desesperada, me agarrando e me soltando, não me deixando livre para buscar o aro. Tive que pedir ajuda à sua babá e, para meu espanto, quando pude recomeçar a brincadeira, ela imediatamente e bruscamente interrompeu sua reação e passou a se comportar como antes de o aro cair. Imaginem-se minhas dificuldades, pois por muito tempo ela tinha reação semelhante quando tínhamos que encerrar a sessão. *Vaidade* seja dita: até hoje, e já se foram quase 3 anos, é muito raro não resistir para ir embora. Só que não temos mais escândalos memoráveis, já é uma “mocinha” de 6 anos. Agora ela resmunga, atira no chão o que tem na mão. Ainda outro dia, quando eu disse que estava na hora de ir embora, começou a resmungar, fez uma cara muito triste e abriu os braços para mim. Morri de pena e fui retribuir o “abraço” e levei foi uma bela mordida no ombro. Doeu-me bastante esta enorme evolução. Mas, apesar de ter certeza de sua forte ligação comigo, ela nunca falou meu nome.

Digressões à parte, destaquei este tipo de reações de Marie pois elas parecem indicar que, até então, não conseguira desenvolver defesas egóicas que a protegessem das sensações (de existência ou de aniquilamento?) que experimen-

tava quando aparentemente ocorria uma frustração. Dava-me a impressão de que entrava em desespero não só pela frustração em si, mas também porque esta a fazia sentir, e, por sentir, experimentava existir e, por isso, entrava em pânico. Instaurava-se uma situação de dor mental, e, portanto, uma mente, algo nela ou dela se fazia presente. Com sua reação, parecia me pedir que, com urgência, eu a fizesse parar de sentir “aquilo”. Aparentemente, a experiência de existência era-lhe extremamente dolorosa, talvez porque, onde há um ser existente, pode haver o temor pela perda da existência ou, quem sabe, nestes momentos, Marie poderia ter uma vaga noção da falta de sentido de existência do seu *eu*, e neste caso, é como se ela ao mesmo tempo temesse e desejasse voltar ao seu *eu* inanimado. Deve ser apavorante, para alguém que não tem sentido de existência, de repente ser por ele inundado. Como existir sem ter construído um sistema de representações referenciais ao qual se reportar? Como suportar o extremo desamparo de se sentir num imenso e inexorável vazio? Mas também deve ser apavorante, uma vez dele emerso, a ele retornar, cair-se nele. Apesar de eu mesma achar estas hipóteses um tanto extremadas, não consigo pensar que outro temor poderia levá-la a um estado de tamanho desespero. Só vendo para crer.

Penso que o conjunto de fatores que circunscreveram sua vinda ao mundo e determinaram o lugar que ocuparia nele levou Marie a um estado de regressão ao período de ilusão fusional com a mãe, aprisionando-a na “concha” referida por Tustin (1984, 1994) como uma metáfora do estado de encapsulamento bidimensional no qual se encontram estas crianças. Estas crianças estariam preocupadas com superfícies, texturas e formas. Tustin postula um estado intermediário entre a condição anobjetal e objetal, sendo este presente no que denominou de “fase autística normal”, um estágio de “auto-sensualidade relativamente indiferenciada”. Afirma a autora que

parece haver um período imediatamente após o nascimento em que a criança reage ao mundo exterior em termos de seu próprio corpo e suas disposições internas. Isso estabelece sua imagem corporal como base para sua identidade pessoal. Esse tempo primitivo é um estágio em que a experiência com “objetos-sensação” centradas no corpo, e com a mãe experimentada como um “objeto sensação” que constitui parte de seu corpo, prepara o bebê para relacionamentos posteriores com objetos “não eu”.

A inestimável contribuição de Tustin para a compreensão do funcionamento mental da criança autista, permitiu-me nomear a relação de Marie com as coisas e comigo: “ela (a criança autista) está eternamente buscando analogias e identidades em termos de formas”. Ofereceu-me, ainda, uma outra possibilidade de compreensão para a cena do aro de fazer bolinhas de sabão. Se os objetos são experimentados como partes do corpo, a perda do aro talvez tenha sido vivida como uma mutilação. Assim, não se tratava de uma “simples” frustração, mas de uma vivência de mutilação, o que dá novo sentido à sua reação.

Marie sempre se recolhe autisticamente quando brinca com água. No início do trabalho, ela se absorvia completamente observando o movimento da água saindo pelo ralo. Aos poucos fui introduzindo a esponja, que continha a água e tapava o ralo da pia para que ela se enchesse. Ela passou a aceitar e a gostar de espremer a esponja na água. “Flapeava” as mãos, o que sempre está associado a vivências prazerosas, e, se não a interrompesse, seria capaz de ficar o tempo todo nesta atividade. Depois introduzi potinhos que ela, aos poucos, aceitou. Entretanto, até hoje se eu coloco bonecos ou miniaturas de animais, ela os tira da água e joga no chão.

Em outubro de 1997 tive a oportunidade de presenciar uma reação que apontava muito claramente para a relação de Marie com a água em movimento, bem como sua identificação com os personagens Disney. Como ela gosta muito dos filmes da Disney, colocava alguns trechos para assistirmos juntos pois, nestas ocasiões, ela fazia contato comigo, olhando-me e dizendo “Simba”, “sky”, “the stars”, etc. Ria muito e torcia pelo Simba quando ele fugia dos Gnus, dizendo bem rápido “Siba! coli, coli, coli”. Eu também festejava, e ela parecia gostar muito da minha participação. Esse trecho tinha que ser repetido inúmeras vezes, e parecia que ela nunca iria se faltar.

Confesso que um dia eu me fartei e tentei mudar de filme. Achando que ia fazer o maior sucesso, peguei o filme *Fantasia* e coloquei num trecho do filme do Mickey (a quem ela adora): Aprendiz de feiticeiro. Sabia pela mãe que eles tinham este filme em casa e que ela gostava dele. O Mickey, querendo livrar-se do serviço pesado, depois que o Mago foi dormir, tentou fazer a mágica da vassoura, dando-lhe movimentos para que trouxesse água nos baldes para encher um pequeno poço. Mas perde o controle da mágica e a vassoura vai se multi-

plicando em progressão geométrica. Dezenas de vassouras vão levando baldes de água, até que o cômodo se enche de água, forma-se um redemoinho, e o Mickey desesperado vai se afogando. Logo chega o mágico e acaba com a confusão, faz sumir as vassouras e a água toda, salvando o Mickey. Mas Marie não suportou ver o filme até o fim. Quando o Mickey estava se afogando, entrou em desespero, gritava afoita: “Calma, calma, calma” e dirigiu minha mão para que eu desligasse o vídeo. Depois disso, levou duas semanas para querer entrar no consultório, e no dia que entrou foi acompanhada da babá. Só aceitou ficar comigo na sala quando se certificou que a TV estava desligada da tomada, e não encontrou na sala a caixa do vídeo. Em minhas analogias, o medo do Mickey era a angústia de Marie. É certo que ela estava entendendo que o mesmo redemoinho que ela tanto gostava era o perigo para o Mickey. Mas esta situação me fez pensar muito além.

Se nada interrompe seu sossego, o que se pode ver quando ela está entretida, é uma criança que fica emitindo um jargão muito rico e variado, com muitas palavras inventadas e algumas em inglês e português. Algumas vezes, apresenta uma rítmica que lembra uma poesia ou um diálogo. Muitas vezes distrai-se com gestos da própria mão ou, como já disse, com água, ou misturando tintas, ou “dissolvendo as coisas”. Chega a ser repousante observá-la. Tem-se a nítida impressão de que lá onde ela está, neste mundo que ela criou, ela fica em paz e feliz. Não há dor, não há sofrimento, só há prazer. Ela até então nunca tinha reagido ao “sofrimento” de outros personagens: ao do Bambi quando perde a mãe, ao do Simba que chora quando perde o pai, ao da Branca de Neve que chora ao ver-se abandonada no bosque. Nada disso parece fazer sentido para ela, nem desperta seu interesse. Adora o trecho do Bambi em que ele está aprendendo a falar, o “coli, coli, coli” do Simba, as músicas da Branca de Neve. Mas, o desespero do Mickey sendo tragado pela água, rodopiando sem parar, provocou-lhe uma reação aguda. Aquele “sofrimento”, ela conhecia, fazia completo sentido para ela. A água para Marie, que a usava como um de seus objetos autísticos²,

2. De acordo com Tustin (1984), os objetos autísticos têm as seguintes características: sua função original é ignorada, sua utilização não está envolta em fantasias e sim são dominados pelas sensações; possuem uma qualidade ritualística e bizarra; não há discriminação entre eles (o importante

no contexto do filme, deixa de ser pura sensação de prazer para se transformar em sensação de pavor. Mas o que exatamente a apavorava? Ter reconhecido no Mickey uma reação de desespero que ela conhecia, tendo sido, portanto, capaz de ali antever a presença do sofrimento? O Mickey dos seus devaneios estava em perigo? Ou era a possibilidade de que a água pudesse ser também fonte de desespero, de perigo, não só de prazer? Ou ainda, será que esta cena evocou alguma memória de separação traumática de sua mãe, aqui atribuindo ao redemoinho uma analogia com o útero materno e o nascimento? Tentei advinhá-la e sei que, se acertei ou não, isso não é o mais importante. O mais importante é que Marie perceba estar ao lado de alguém que *tenta* ativamente.

Marie possui outro tipo de objeto autístico. São as coisas que ela pode “dissolver”. Água, continhas, bolinhas de gude, massinha ou argila, terra, areia, folhinhas, etc. Tudo que puder ser tomado em suas mãos e posto a “dissolver” serve para que ela se refugie e se torne alheia a qualquer tentativa de contato. Sua fixação por esta atividade repetitiva e estereotipada foi se transformando na medida em que sempre interferia colocando um receptáculo para o “dissolvido”.

Uma das sessões mais marcantes que tivemos foi uma em que, desanimada pelo seu absoluto alheamento, apesar de todos os meus esforços, fui de novo atraída pelos mesmos véus de filó da primeira sessão e repeti a brincadeira. “Um dois e já!” e jogava os véus. Marie dá sinais de vida, demonstra ter gostado, sacode as pernas e faz o seu típico “flap-flap” com as mãos. Pede mais. Brincamos um pouco disso e depois pego as contas do *War*. Ficamos as duas “dissolvendo” continhas por alguns segundos. Punha-me (com o corpo todo) no caminho das continhas e ela olhava-me nos olhos e sorria. Em seguida, pego um bolo de massinha e começo a enfiar continhas na massinha. Algo aconteceu. Marie pára, olha-me nos olhos. Enfia continhas também, com uma certa lentidão. Olha-me de novo séria. Desinteressa-se. Deita-se no chão e às vezes me observa. Ponho

é a sensação e não o apego por um objeto em si, como por exemplo no caso de Marie, qualquer coisa servia para ser “dissolvida”). A autora afirma que, para a criança autista, o objeto autístico tem sua origem na perda instintual de parte dos cuidados maternos “que foi experimentada como a perda de uma parte de seu corpo e não como perda da mãe e do seio. É essa situação que leva ao uso obsessivo de objetos, experimentados como se fossem partes corporais”.

o bolo de massinha no chão com as contas enfiadas ao alcance do seu olhar. Pego os véus e conto: “Um, dois e já!” e jogo os véus sobre a massinha. Marie olha atentamente. Ligada.

Olha-me nos olhos por alguns segundos. Vira-se de costas para mim ainda deitada no chão. Penso que se desligou de novo, mas apóia os pés na parede e vem arrastando seu corpo no chão até chegar no meu colo. Quando vou abraçá-la, empertiga-se e vai saindo do meu colo. De onde veio a idéia, não sei, mas sei que ouvi minha voz cantando uma cantiga de ninar. Marie vira-se, deita-se no meu colo como um nenê, olha-me da mesma forma que um nenê muito pequeno olha para sua mãe, finge um pouco que está dormindo, abre os olhos, pega minha mão e a acaricia, olha-me mais um pouco e depois fica cantarolando alguma coisa com um olhar perdido, divagando. Não o seu típico olhar autista, mas um olhar distraído. Parecia que se lembrava de alguma coisa, e eu continuava ninando-a com enorme prazer e muito emocionada. Nestes dez minutos, acho que tivemos uma experiência de contato verdadeiramente humana. Creio que de novo “perverti” seu objeto autístico, levando-a a evocar alguma memória perdida. Neste caso, sou capaz de apostar: a memória de uma experiência muito primitiva de integração. De novo aqui estou tentando adivinhar Marie, atribuindo significado às nossas vivências.

Este meu comportamento ativo não se limitava nem se limita a tentar significar suas reações, mas inclui pensar muito nela (este trabalho, escrevi durante as férias!), comprar coisas que acho que ela vai gostar, ter sonhos nos quais encontro analogias minhas para as sensações de Marie, entre outras coisas. Considerava esta invasão como um desvio do meu papel profissional. Uma vivência um tanto sem controle de uma relação com uma paciente. Mas, posteriormente, pude constatar que esta “hiperatividade” foi observada por Alvarez (1994), que, referindo-se ao seu trabalho com um paciente autista, via-se intensamente mobilizada em provocar reações nele, em vivificá-lo, e atribui as emoções por ela despertadas no terapeuta à alarmante gravidade da condição de uma criança que não pode sequer nos comunicar seu desespero e seu desamparo.

Após passar muito tempo tentando desempenhar sua função de continência, a autora sentia-se demasiadamente passiva e ineficaz: “Comecei a sentir neces-

sidade e urgência de ser mais ativa e mais ágil do que com outros pacientes para quem o modelo de continência havia sido útil...” (Alvarez, 1994).

Mas não é o tempo todo que preciso advinhá-la. Apesar de “falar” bastante, nunca falou de fato com ninguém até o mês de maio de 97, quando começou a usar algumas palavras em contextos adequados, mas muito esporadicamente. De acordo com Tustin (1984), a criança autista, não tendo contato pessoal,

...tem pouca motivação para comunicar-se da maneira habitual. A linguagem está ausente, é escassa ou ecológica. Todas as energias da criança são concentradas em criar uma capa protetora de sensações de “ser” para manter o “não eu” ao largo.

No entanto, Marie se faz entender. Ou de uma forma direta, usando-me como instrumento para pegar ou fazer o que ela quer, ou de uma forma periférica, enviando-me sinais que aprendi a decodificar. Esta condição mínima de comunicabilidade foi descrita pela autora (idem):

Entretanto há sempre uma abertura, embora minúscula, através desta fachada aparentemente impenetrável... essas crianças geralmente entendem alguma coisa do que é dito a elas, e são responsivas ao humor e atitudes do analista, isto sendo revelado por coisas como tons de voz, tensões musculares, movimentos do corpo, etc.

Comunico-me, penso eu, de várias formas com Marie. Parece que, por vezes, abrem-se frestas por onde a “mãe-sensação” pode penetrar. Abordando a maneira como seus pacientes “destinavam” alguns de seus comportamentos ritualísticos para ela, Alvarez (1994) percebeu como, de uma forma disfarçada, estavam muito atentos aos seus estados mentais, olhando-a de soslaio, reagindo discretamente a eles. Introduz uma idéia que pode estar relacionada com a fase intermediária do autismo normal, em que há um objeto extremamente primitivo e indiferenciado, em que há a “mãe-sensação”. Trata-se da hipótese de que a criança possa “estar usando seu sintoma de aparentar não ter uma relação de objeto, um ritual estereotipado, mas que pode ser, de maneiras muito indiretas, poderosamente relacionado a uma relação de objeto”. Já exemplifiquei, neste trabalho, as reações de Marie claramente destinadas a me comunicar algo. Na realidade, ela é extremamente ativa e insistente em suas tentativas de me fazer

compreendê-la, chegando a mostrar irritação quando de fato estou demorando ou não consigo descobrir o que ela quer.

Outras vezes, sou eu quem “ganho um ponto” com uma resposta acertada. Um episódio divertido ocorreu quando, um dia, resolvi atribuir um significado a um gesto estereotipado mas muito elegante e bonito que Marie vivia repetindo. Colocava sua mão aberta e bem relaxada com a palma voltada para a frente de seus olhos e a balançava cantando e pronunciando seus jargões. Eu lhe perguntei, falando com ela pela primeira vez em inglês: “*Is this your butterfly?*”. Sua reação foi muito engraçada. Parou imediatamente, olhou-me e sorriu muito sem graça. Eu repeti a pergunta, e ela me respondeu firme e energeticamente “*No*”, pôs a mão na minha boca para me calar, virou-se de costas para a parede e não quis mais “conversa” comigo. Descobri seu segredo!

Penso ter dado elementos para que se possa ter uma noção do tipo de trabalho que estava realizando com Marie e, principalmente, de como uma transferência influenciada pela ilusão fusional movia nossa relação. Mas houve uma ruptura neste processo e talvez tenha sido precoce, pois foi vivida de forma traumática tanto por mim quanto por Marie.

Um ponto ruptura neste caminho

Quando estávamos no auge da nossa ilusão, T. comunica-me sua decisão: Marie passaria a vir só uma vez por semana porque iria aprender inglês. Fiquei com muita raiva e respondi sem meias palavras: “ela não precisa de outra língua quando nem a dela ela usa”. T. ficou completamente surpresa com a minha reação. Achei aquilo tão absurdo que nem conseguia pensar. Argumentava e ela contra-argumentava até ficarmos bravas uma com a outra. Interrompemos a conversa e Marie passou a vir uma vez por semana. Esta situação foi muito dolorosa para mim, muitos pensamentos tiveram que ser pensados até que eu me acalmasse e pudesse tomar consciência da minha própria onipotência. Não que tenha me vencido de que a possibilidade que eu estava oferecendo a Marie de vivenciar uma ilusão fusional não fosse válida e importante para seu tratamento. Pelo contrário. Nesta fase ocorreram os contatos mais belos e profundos com ela e tenho certeza sairíamos dele quando Marie pudesse fazer uma ligação objetal. Por outro

lado, a “santa loucura” que é a devoção, antes de mais nada, é uma loucura. Assim, aos poucos fui caindo na realidade e Marie tornou-se minha paciente... muito querida, mas... paciente.

Marie, por sua vez, teve uma reação de dor intensa a esta perda. No caminho para a clínica onde ela fazia psicoterapia, ela passava pela rua do meu consultório. Quando ela via que não ia nela entrar, fazia um grande escândalo, chorando, gritando, recusando-se a entrar no consultório da sua psicóloga. Quando chegava o dia da sua sessão, Marie entrava muito agitada, num dia ela vomitou, em dois outros teve diarreia. Na hora de ir embora era um tormento.

Passada a crise, algo se quebrou. Marie continua ligada a mim, e eu a ela, mas parece que “não somos mais indispensáveis uma à outra”. Com o tempo, fui conseguindo reatar minha boa relação com T. e, diante das reações de Marie, disse a ela um dia: “Precisamos devolver a ela sua segunda sessão”. Ela concordou, e, na semana em que Marie a teve, conseguiu despedir-se de mim com menos sofrimento.

E desde então meu trabalho com Marie foi tomando uma nova forma, principalmente no que diz respeito à minha ligação com ela. Continuo com os mesmos movimentos, que agora são objetivos, não necessidades. Em outras palavras, sem perder o afeto por ela, meu trabalho ganhou mais racionalidade, mas perdeu muita intuição. E eu sinto por isso.

Marie tem uma companheira viva

Das muitas situações terapêuticas com Marie que tenho registradas, escolhi algumas bem atuais para que se tenha uma idéia de como ela está progredindo em relação a um contato pessoal.

Como já relatei, ela tem aulas de inglês, de modo que por vezes nós duas “falamos em inglês”. Tenho cinco livrinhos de Disney que Marie adora. A primeira coisa que ela faz quando chega é pegá-los, e isso já há mais de um ano! Cada um é de uma cor e ela sabe falar o nome das cores em inglês. Colocou-os na mesa, e eu comecei a nomear as cores. Quando cheguei no roxo, esqueci e disse para ela: “Essa aqui eu não sei, não lembro”. Marie olhou-me e depois continuou fazendo dançar os livrinhos. Na sessão seguinte ela os colocou na

mesa como na anterior, pegou meu dedo, colocou-o no roxo, olhou-me e disse: “Purple” (abril/98).

De tanto fazer dançar os livrinhos, o do Simba soltou-se da capa. Colei-o e guardei. Na sessão seguinte, Marie, como sempre, pega os livrinhos e começa a folheá-los. Enquanto isso, eu estava ligando o aparelho de som para ouvirmos e cantarmos *Os saltimbancos* (que ela sabe inteirinho, músicas e letras, com uma afinação perfeita!) e não estava atenta a ela. Ela vem perto de mim com o livro do Simba e chama minha atenção dizendo: “Calma, calma, calma!”. Abriu o livro e me mostrou que eu o tinha colado de ponta cabeça (novembro/98).

Outro dia perguntei (à toa, pois ela não responde pergunta nenhuma): Marie, você quer ouvir música? Acho que ela estava muito distraída, pois respondeu: “Não” (abril/98).

Numa sessão, ela estava repetindo em inglês uma das histórias Disney, falando muito enrolado. Eu então disse: “Marie, sabe por que você só tem historinhas Disney na sua cabecinha? É por que você não tem a sua história”. Como acontece-me às vezes, digo ou faço coisas sem saber porque e comecei a falar “Sapsuí, pukabá”, uma seqüência de palavras por ela criada e que durante algum tempo ela repetia muitas vezes, mas que há dois anos tinha desaparecido dos nossos “diálogos”. Ela me olhou e, para meu completo espanto, começou a reproduzir a maneira como eu a chamava nesta mesma época. Eu conseguia fazê-la rir, chamando-a pelo seu nome com várias entonações, timbres, ritmos e frequências. Diante disto, eu disse para ela: “Você se lembrou! Era assim que eu falava seu nome! Então você tem uma história comigo na sua cabeça!”. Marie, me olhando, sorriu para mim com uma expressão de vitória no rosto (outubro/98).

Havia comprado um CD *player* para ouvir música com ela, mas ela ficava totalmente interessada em apertar os botões e repetir trechos ou ouvir em velocidade aumentada, e não dava nenhuma atenção para mim. Conclusão: escondi o CD *player*. Quando chegou na sessão seguinte, pegou minha mão e saiu pela sala procurando o aparelho. Quando não o encontrou disse-me “bye, bye” e ia saindo. Disse a ela que tinha guardado o CD porque ela fazia muita bagunça, e que não estava na hora de ir embora. Ela volta, senta-se na mesa com seus livrinhos de sempre. Olha para o chão e vê meu gravador cassete. Pega-o, mostra-o para mim e diz: “Ráxio”. Eu digo: “Ráxio? Mas o que é ráxio Marie?”.

Ela repete: “Ráxio”. Logo entendo: “Rádio! Você quer ouvir rádio?”. Faço a maior festa porque nos entendemos através da palavra, e ela fica envergonhada. Ligo o rádio e estava na Cultura, tocando a *Marcha turca* de Mozart. Pelo jeito, Marie detestou pois, acreditando que a música vinha da fita cassete, apertou o *eject*, tirou a fita, deu-a para mim e disse, contundente: “Só ráxio!”. Mudei de estação e ela gostou (dezembro/98).

Para quem acha que isso é pouco, vale a pena contar que, ao lado destas pequenas demonstrações de vida psíquica, Marie ainda passa a maior parte do tempo sem me dar atenção, não fala diretamente com ninguém, não fala o nome de ninguém, nem mesmo “mami”. Quando ela chega, passa por mim como se eu não existisse, pega seus livrinhos e se entretém com eles. Verdade que aqui temos uma evolução pois, se eu me demoro na porta, ela vem me buscar e me puxa pela mão. Sem me olhar, sem falar, sem sorrir. Apenas me puxa e assim me diz que me quer presente. Aprendi que a única forma de conseguir me aproximar dela é respeitando suas regras: parte-se da periferia para se chegar às bordas de um contato. Nunca ao centro. Nada pode ser direto, pois é inútil. Mesmo assim, atender Marie tem sido uma experiência profissional muito rica. Ela me impôs uma condição de trabalho totalmente diferente daquelas que eu conhecia, exige toda a atenção e a criatividade da qual eu possa ser capaz, exige uma enorme tolerância à frustração de ser a maior parte do tempo ignorada, exige um estado de alerta constante para as pistas que ela me dá a respeito de suas necessidades ou qual a direção que devo seguir para manter um contato. E assim vamos nós. Ela fingindo me ignorar, e eu fingindo acreditar, lutando para que ela se ligue a mim. E assim, creio eu que cumpro meu papel de reclamante, sendo alguém que, como diz Alvarez (1994), a “reclama como membro da família humana, não aceitando simplesmente sua entrega para o mundo inacessível em que se encontra”.

D. pediu-me argila e disse que queria fazer personagens de um teatrinho. Moldou cinco e nomeou: papai pedra, mamãe pedra, filhinhos pedra e cachorrinho pedra. Essa era a família pedra...

(Trecho de sessão da irmã de Marie)

Por fim...

Bem, por fim penso que devo explicitar o modelo terapêutico que me permitiu e permite uma liberdade criativa, que implica que eu me sinta autorizada a desenvolver esta prática de um lugar profissional. Em contrapartida, é um modelo que retira os confortáveis anteparos da técnica, dos saberes que antecipam o sujeito e manipulam a relação, criando possibilidades de (falsos) controles, e que, por retirá-los, determina no terapeuta um sentimento de desamparo, democraticamente compartilhado com o paciente. Para suportar este desamparo e preservar minha capacidade criativa, conto com a contribuição valiosa da minha análise pessoal.

Já se vão alguns anos que publiquei, pela primeira vez, minha posição crítica quanto a um modelo tradicional de exercício da Fonoaudiologia, que defende um modelo clínico fonoaudiológico sustentado pela ilusão de ter, como sujeito de sua prática, um objeto (Gomes, 1991).

Adotando as influências da lingüística sociointeracionista e da psicanálise, parto de uma visão de sujeito constituído nas suas relações com o outro, e de linguagem como sendo o campo discursivo de uma dada família inserida numa dada cultura “no interior do qual o sujeito encontrará seus enunciados identificatórios” (Aulagnier, 1979). Assim, o sujeito, desde sua origem, estará em relação com o “Outro” – do qual a mãe é a primeira e principal representante –, relação esta sempre mediada por um campo discursivo, seja ele dito ou silenciado. Nesta clínica, o terapeuta, o paciente e a família criam um campo relacional simbólico singular, pelo qual expressam suas respectivas subjetividades. Trata-se, portanto, de um modelo em que o terapeuta abdica da ilusão do controle de si próprio, do paciente e do processo terapêutico, por assumir que, para além do que é dito, há um vasto campo de não ditos conhecidos ou não pelos participantes deste processo. Em outras palavras, os sujeitos deste processo são multi-determinados, e, entre as determinações, estão os processos inconscientes.

Como disse, estou rapidamente explicitando o que deve ter sido percebido em cada entrelinha deste texto, mas não poderia deixar de fazê-lo, pelo compromisso que nós, profissionais da área terapêutica, devemos assumir de levar a público nossas opções teóricas e metodológicas.

Resumo

O objetivo deste trabalho é compartilhar com os colegas fonoaudiólogos que atendem pacientes autistas, questões e hipóteses de trabalho que emergiram da experiência de dois anos e nove meses de atendimento de uma menina autista, que iniciou quando ela estava com 4 anos de idade. Considerando uma compreensão teórica sobre o autismo e uma noção sobre uma relação transferencial possível na terapia de crianças autistas, busquei demonstrar com exemplos retirados de sessões terapêuticas, uma forma de trabalho que consistiu em expressar minhas idéias para a paciente através de objetos intermediários que chamei de objetos intérpretes. Pretendi destacar, particularmente, os momentos do processo terapêutico nos quais, graças aos usos destes objetos e na vigência de uma relação onde predominava a ilusão fusional, conseguimos um contato não autístico.

Palavras-chave: autismo, terapia fonoaudiológica, objetos intermediários.

Abstract

The aim of this paper is to share with speech therapists who work with autistic patients, some questions and hypotheses that emerged from the experience of attendance on an autistic girl. The work started when she was four years old and lasted two years and nine months. Based on a theoretical understading of autism and on the notion of a possible transference relationship in autistic children therapy, I tried to demonstrate, through examples derived from therapeutic sessions, a kind of work that consists in showing my ideas to the patient using objects as intermediaries. These objects I called "interpreter objects". I intended to highlight particularly the moments of the therapeutic process in which, just by using these objects, under the effect of a relationship in which fusional illusion predominated, we managed to establish a non-autistic contact.

Key-words: autism, speech therapy, intermediary objects.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, A. (1994). *Companhia viva*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- GOMES, I. C. D. G. (1991). *Supervisão em Fonoaudiologia: relações de troca ou relações de poder*. São Paulo, Summus.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS J.-B. (1986). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes.
- TUSTIN, F. (1984). *Estados autísticos em crianças*. Rio de Janeiro, Imago.
- TUSTIN, F. (1994). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- WINNICOTT, D.W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- _____(1993). *Da pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.
- VERCORS (1986). *O silêncio e o mar*. Lisboa, Ed. Presença.

Recebido em mar/99; aprovado em set/99